



# Por que somos Rosacruzes?

► por RALPH M. LEWIS, FRC

**A** pergunta quanto ao porquê de sermos Rosacruzes poderia apresentar muitas respostas diferentes. Poderia haver tantas respostas distintas quantos são os Membros da AMORC. Porém, por trás das diversas respostas há uma causa comum, e essa causa se expressa em outra questão: Por que estamos aqui? Toda pessoa reflexiva, de qualquer idade, alguma vez

ponderou sobre esta questão. O ser humano tem pressuposto e sinceramente acreditado possuir um vínculo com o Infinito. Acredita haver energias intangíveis, uma inteligência psíquica que o liga à causa primeira de tudo. Além disso, o homem tem mostrado propensão a considerar a mente superior à matéria. Tem, em geral, contestado a noção de que a totalidade da mente humana seja um subpro-

duto da matéria em movimento. O homem tornou-se capaz de empregar a mente para levar forças físicas da natureza a obedecer a sua vontade. A mente tornou-o *causativo* em seu mundo.

Consequentemente, pareceu coerente ao ser humano que uma inteligência correspondente, porém superior, se encontrasse além de toda a realidade. Parecia ilógico que o Cosmos fosse desprovido desse poder de que o próprio homem tanto se orgulhava. Por conseguinte, o ser humano concluiu que uma Inteligência Infinita, que tudo criara, também o impregnaria. O homem estabeleceu ideais para si mesmo. Conduz seu organismo no sentido desses ideais. Acredita, portanto, que a Inteligência Infinita, Transcendental ou Cósmica deva também ter um propósito final superior em relação ao homem.

Porém, é difícil para este conciliar as experiências humanas com a crença num propósito divino. Não há caminhos bem definidos que conduzam a ideais concretos de felicidade. O caminho da vida é entremeado de eventos variados. Alguns abrigam o bem; outros, o mal. A sorte humana varia quase diariamente, como um cata-vento na tempestade. Milhões de homens e mulheres se têm lamuriado como o antigo filósofo epicurista, Lucrécio. Lamentava este: “Por que trazem doenças, em sua passagem, as estações do ano? Por que a morte prematura em toda parte espreita? A criança recém-nascida enche o quarto de lamentos tristes. Bem o faz, que seu destino será andar pela vida através de numerosos infortúnios”.

## Por que estamos aqui?

Será o homem, afinal, apenas um produto de forças mecânicas não-pensantes do universo? Deve ele andar pela vida aos tropeções, tentando agarrar as saias do destino? Se há uma missão para seres como o homem, qual será? Isto

“ O homem conhece a certeza da morte, do fim da existência física. Supõe, espera e acredita haver uma continuação da vida após a morte. ”

resultou na pergunta quase universal: *Por que estamos aqui?* Ao buscar sua resposta, o homem busca a segurança. Necessita de uma certeza pessoal que lhe possibilite a paz de espírito.

Há homens que pensam que a vida, como a vivem, lhes foi predeterminada. Creem necessário submeter-se às vicissitudes da vida. Para eles, a existência é como uma bola de bilhar, rolando e desencadeando eventos à sua passagem. Esperam que nalgum ponto do caminho caiam na caçapa certa de uma jubilosa vitória na vida; se não o conseguirem nesta existência, conseguirão-na na vida após a morte.

Outros há que acreditam que a felicidade e a paz de espírito constituem responsabilidade exclusiva do próprio homem. Adotam o ponto de vista de que não há certeza cósmica, mas apenas possibilidade. Existem fatores tanto de miséria quanto de felicidade. Tais pessoas creem que compete à mente humana determinar valores e relações corretas. Estão convencidas de que somos nós próprios, ao vivermos os mistérios da vida, que podemos responder à questão “Por que estamos aqui?”. Quem assim pensa são os Rosacruz. Se não pensamos deste modo, não somos Rosacruz no sentido tradicional.

Como Rosacruz, portanto, devemos aprender a estabelecer um propósito sensato para nossa vida. Este propósito depende do nosso discernimento das relações que temos com o Cósmico. Consiste também na descoberta dos vínculos que temos com as forças da natureza, que também são Cósmicas. Consiste, enfim, em aprendermos como estabelecer um relacionamento proveitoso com nossos irmãos humanos. Há dois caminhos

para alcançá-lo. Primeiro, a eliminação dos valores negativos. Por *negativos* entendemos ideias, noções e crenças que inibem nossos poderes e funções naturais. A ação é o *positivo*. O negativo é a inércia correspondente. Nem toda ação, naturalmente, é boa, como também nem sempre o controle e o refreamento são errados. Porém, se algo há que devemos realizar cósmica, moral ou socialmente, e não o realizarmos, isto constituirá, então, uma atitude adversa, *negativa*.

Entre os grandes negativos que devemos combater encontram-se os temores associados à morte. É natural que o homem tema a morte. Esta significa o exato oposto da vida, a cessação de toda a atividade de que consiste a existência. Permanentemente, há em nossa subconsciência o inelutável impulso para *ser*, para viver. A mente consciente é sempre sensível a esse impulso, a essa inclinação. Por conseguinte, a morte geralmente parece um fim, uma porta que se fecha para qualquer que seja o sentido que tenhamos atribuído à vida.

O homem conhece a certeza da morte, do fim da existência física. Supõe, espera e acredita haver uma continuação da vida após a morte. A filosofia e a religião cultivam a disciplina da escatologia – que compreende a investigação ou o estudo dos fins últimos da existência humana. Tais sistemas procuram explicar a vida após a morte em termos de nossa experiência mortal e terrena. Atribuem à vida após a morte testes e provações a que se encontra sujeita a personalidade humana. Estendem para o outro mundo valores morais como bem e mal. Admitem a existência de castigo, de punição, prescrita segundo o mal que o homem tenha cometido.

## Haverá recompensa?

Argumentam, por outro lado, que a conduta terrena adequada será recompensada após a morte com prazeres quase sensoriais de

alegria e bem-aventurança. Todavia, não há acordo, nestes sistemas, quanto ao que deveria constituir o código espiritual terreno. As religiões e as filosofias morais, nos seus escritos e sermões sagrados, se contradizem umas às outras.

Milhões de pessoas vivem temendo as conseqüências posteriores à morte. Perguntam a si mesmas se terão merecido a bem-aventurança que esta vida não proporcionou, ou se haverão de sofrer um tormento superior a qualquer experiência terrena. A vida inteira dessas pessoas é temerosa, uma confusa preparação para um futuro de incerteza. Por que deveríamos crer que o homem devesse andar desamparado, aos tropeções pela vida temporal? Por que ele teria de adivinhar o que uma deidade, um Ser Supremo desejasse ou tencionasse que ele fizesse? Por que dissociar da existência terrena as leis cósmicas e seus efeitos? Por que relacioná-los apenas a um remoto paraíso?

## O ponto de vista místico

O místico entende que a lei cósmica, o poder divino, se manifesta em qualquer nível da realidade total. Deus, o Cósmico, atua em todas as manifestações. Todas as coisas, animadas e inanimadas, são componentes da Consciência Universal. É aqui, nesta Terra, que nos decidimos por viver em harmonia ou em desarmonia com o Cósmico. Aqui é que a personalidade aprende. Não devemos pensar apenas no indivíduo, mas na humanidade, coletivamente. Um indivíduo pode parecer encontrar felicidade aqui, e outro, não. Um parece livrar-se da punição, enquanto outro, não. A espécie, porém, a humanidade como um fluxo contínuo, sofre sua compensação, seu carma, se não nesta geração ou nesta época, então numa outra.

Coletivamente, elevamos ou baixamos o nível de consciência da humanidade sobre a



Terra. Pelo modo como vivemos, determinamos as recompensas ou punições que a humanidade viverá no futuro. O que estamos vivendo é o carma que por nós mesmos foi criado. Nós provocamos, de acordo com nosso bom ou mau emprego das leis cósmicas, nossas compensações aqui e agora. Com esta compreensão, nós, Rosacruz, libertamos-nos do medo negativo, relativamente à morte, que sufoca a mente de muitos.

Para descobrirmos nosso propósito na vida, não somente é necessário que nos libertemos de conceitos negativos, porém, como Rosacruz, que também assumamos determinados pontos de vista positivos, que nos devem parecer tão evidentes que despertem nossos poderes e capacidades pessoais. Essas perspectivas positivas devem fortalecer-nos para todas as provações na vida. Devemos acreditar que existe uma força transcendental a que pode o homem recorrer. Não devemos pensar que o ser humano seja arrastado numa corrente de forças mecanicistas. Esse poder superior pode revitalizar o homem, emocional e fisicamente. Porém, o ser humano percebe esse poder superior como efeito,

nunca diretamente como causa. A percepção desse poder superior cria imagens em sua consciência subjetiva. Essas imagens são interpretadas pelo homem de acordo com seu nível de consciência, com a profundidade do seu discernimento.

O homem se esmera em dar forma ou expressão a essa percepção cósmica. Para alguns, esse poder transcendental é antropomórfico, um ser com aparência humana e atributos humanos. Ou seja, esse ser ama, é zeloso, terno e protetor como um pai. Para outros, esse poder transcendental apresenta-se como um juiz, sábio, severo e inexorável em seus mandamentos. De acordo com os que assim creem, esse divino juiz estabeleceu leis às quais toda a humanidade está sujeita. Porém, a humanidade pode, sob certas circunstâncias, a ele recorrer. Ainda para outras pessoas, esse poder superior é mente absoluta, apenas. Ou seja, concebem esse poder como uma consciência impessoal onipresente. Colocar-se em harmonia com essa consciência significa alcançar a mais profunda visão do Eu e da natureza, obtendo, com isto, domínio pessoal e paz duradoura.

## Uma concepção pessoal

Para os Rosacruz, um ponto é de suprema importância. Esse Deus, essa Mente Divina ou Cósmica, como queira o leitor, é sempre uma experiência pessoal transcendente e imanente, isto é, íntima. Tal experiência jamais pode ser tornada uma ideia comum, aceita sob todos os aspectos por todos os homens indistintamente. Ela constitui um sentimento no santuário da alma. Assume uma aparência característica de acordo com a mente finita do indivíduo. Por conseguinte, não é possível uma definição que estabeleça a mesma configuração da consciência cósmica em todos os homens. Por esta razão é que os Rosacruz devem sempre se referir ao

“Deus do meu coração”. Com estes termos, os Rosacruzes querem dizer: Deus como experiência pessoal, como algo que cada qual pode entender.

Compreenda-se que o conceito pessoal de Deus de nenhum indivíduo é errado para si mesmo. Nem a imagem mental que alguém faça de Deus é correta para todos os outros homens. Ocorre-nos à lembrança as significativas palavras do etnógrafo Max Müller. Disse ele: “Jamais houve um falso Deus, nem houve jamais uma religião absolutamente falsa, a menos que consideremos uma criança um falso ser humano”. Com uma perspectiva positiva como esta, os Rosacruzes não podem admitir a intolerância ou o preconceito religioso. Isto significa, portanto, a eliminação de um dos maiores conflitos da sociedade humana.

A verdade sempre foi procurada por razões psicológicas. O que se mostra verdadeiro granjeia confiança, pois apresenta uma natureza positiva que pode ser avaliada em relação a nós próprios. O que é verdadeiro apresenta uma qualidade distinta, que podemos aceitar ou rejeitar. Há dois conceitos genéricos com relação à natureza da verdade. O primeiro é o de que verdade é qualquer coisa que, para nós, apresente qualidade real. Sendo a existência duvidosa, então não é verdade, segundo esta concepção. O outro ponto de vista afirma que a única verdade é aquilo que é prático e útil. Algo que não tenha aplicação em nossa vida, em nossa inteligência é, por conseguinte, considerado não verdadeiro.

Estas duas teorias nos afirmam, de fato, que nada é verdadeiro, a menos que tenha a confirmação dos nossos sentidos receptores, e que também seja para nós compreensível. Portanto, se podemos perceber algo e compreendê-lo, isto será potencialmente útil para nós. Consequentemente, os Rosacruzes entendem que nenhuma verdade se encontra fora da consciência humana. Nada é verdadeiro senão quando a mente humana o compreende como tal.

A verdade, portanto, está relacionada com

o discernimento humano. Não pode haver verdades absolutas fora da experiência humana. Se não forem aceitáveis para o homem, não serão, para ele, verdadeiras. A verdade, portanto, é um valor estabelecido pelo homem a partir da percepção e das conclusões da sua razão. Não o que possa ser uma coisa, mas o que o homem possa entender que ela seja – isto é verdade.

A realidade não é estática; a totalidade do ser encontra-se em permanente mudança. A inteligência humana e o discernimento interior estão, da mesma forma, em mudança. O homem percebe esta realidade de forma variável: hoje, de um modo; amanhã, de uma perspectiva diferente. As verdades de hoje não são as mesmas de ontem, nem podem ser as mesmas de amanhã. Se fossem absolutas as verdades, então a mente humana estaria inibida, condicionada. Não poderia haver nenhum progresso, pois nada poderia ultrapassar a verdade estabelecida, a chamada verdade absoluta. Além disso, todas as verdades relativas que o discernimento humano admite teriam de ser rejeitadas. O homem não mais poderia confiar nos seus sentidos ou em sua razão.

Consequentemente, como Rosacruzes, encontramos na ciência, na filosofia e no misticismo, aquilo que no momento não pode ser refutado, e que, portanto, nos serve como verdade. Todavia, nós o rejeitamos sempre que a luz da mente humana revele uma verdade superior. Com este conceito de verdade, o Rosacruz jamais se torna dogmático ou limitado à tradição. Com o Rosacruz, a verdade se encontra sempre em processo de confirmação.

As poucas razões aqui expostas respondem à questão do porquê de haver Rosacruzes. Com estas razões são formulados ideais individuais que conduzem à felicidade pessoal. Nada é mais importante na vida do que a felicidade perfeita. Porém, ela tem de ser conquistada. Não pode ser descoberta, nem constitui um capricho do mero ato de viver. ▲